

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)



 **Atena**
Editora

Ano 2018

Jeanine Mafra Migliorini
(Organizadora)

O Essencial da Arquitetura e Urbanismo

Atena Editora
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

E78	O essencial da arquitetura e urbanismo [recurso eletrônico] / Organizadora Jeanine Mafra Migliorini. – Ponta Grossa (SP): Atena Editora, 2018. Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-85107-60-4 DOI 10.22533/at.ed.604182310 1. Arquitetura. 2. Planejamento urbano. 3. Urbanismo. I. Migliorini, Jeanine Mafra. CDD 720
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

O conteúdo do livro e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Arquitetura é expressão artística que transmite valores, ideias, concepções do período que acontece, tem implicações na sociedade, e por ela é influenciada, e por isso, pode ser apontada como guardiã de uma estrutura cultural. A maneira de ver e pensar a arquitetura é resultado do contexto histórico que se insere. Discutir arquitetura é discutir cultura, arte, sociedade.

A cidade é o lugar de acontecimento da arquitetura, por isso ela está entre as mais públicas expressões artísticas, forma não verbal de expressão coletiva, elemento de ligação, e simultaneamente separação, do privado e do público; a sua concretização, em forma de edificações, compõem as cidades. Através da arquitetura, suas alterações e ressignificações, analisamos a dinâmica da cidade na história. Suplantando essas mudanças, só é possível reconhecer um ambiente, uma paisagem urbana, se nela permanecerem elementos remanescentes de outras épocas. A paisagem urbana, e conseqüentemente sua arquitetura, é o resultado das relações entre o homem e o meio ambiente, é dinâmica, se altera conforme se modificam os usos do espaço.

Esses apontamentos são reflexões que nos permitem a compreensão do contexto em que se implantam as discussões sobre arquitetura, paisagem urbana, preservação, e demais possibilidades atreladas ao assunto. São discussões necessárias para a apreensão do espaço e de que maneira deve-se atuar sobre ele. Quando analisamos nossa realidade, a comparamos com o passado e fazemos previsões para o futuro, podemos perceber onde há necessidade de intervenção. Neste sentido surgem as discussões deste livro, que buscam, através dos mais variados temas nos colocar diante de uma realidade que precisa ser percebida por todos, para que possamos atuar de maneira significativa no contexto que vivemos.

Boa leitura e muitas reflexões!

Prof.^a Jeanine Maфра Migliorini

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
A CRIATIVIDADE NO PROCESSO DE ENSINO/APRENDIZAGEM DE PROJETO DE ARQUITETURA: ALGUNS ELEMENTOS DE DISCUSSÃO	
<i>Gleice Azambuja Elali</i> <i>Maísa Fernandes Dutra Veloso</i>	
CAPÍTULO 2	15
CASAS SHODHAN E THIAGO DE MELLO: COMPARAÇÃO ENTRE OBRAS DE DOIS MESTRES DA ARQUITETURA MODERNA	
<i>Silvia Lopes Carneiro Leão</i>	
CAPÍTULO 3	34
ANÁLISE DAS DIFERENTES TIPOLOGIAS DO USO NO TIJOLO NA CONSTRUÇÃO DO CONJUNTO ARQUITETÔNICO DA POMPEIA	
<i>Cristiane Leticia Oppermann Thies</i> <i>Clarissa de Oliveira Pereira</i> <i>Fernanda Peron Gaspary</i>	
CAPÍTULO 4	45
ENTRE O DISCURSO E OS ELEMENTOS OBJETIVOS QUE DESCREVEM A FORMA DO MUSEU GUGGENHEIM DE GEHRY	
<i>Luciana Sandrini Rocha</i> <i>Adriane Borda Almeida da Silva</i>	
CAPÍTULO 5	60
MUSEUS COMO FENÔMENO DE MASSAS: ARTE, ARQUITETURA E CIDADE	
<i>Bianca Manzon Lupo</i>	
CAPÍTULO 6	72
O ESTADO-DA-ARTE DE LUGAR: EVOLUÇÃO DE UM CONCEITO	
<i>Lineu Castello</i>	
CAPÍTULO 7	82
EXPERIÊNCIA EM ASSISTÊNCIA TÉCNICA PARA HABITATS DE REFORMA AGRÁRIA: UNIVERSIDADE, ESTADO E MOVIMENTO SOCIAL	
<i>Maria Cândida Teixeira de Cerqueira</i> <i>Amadja Henrique Borges</i> <i>Cecília Marilaine Rego de Medeiros</i>	
CAPÍTULO 8	98
O CORPO E A NARRATIVA DA CIDADE: DOS PRIMOS HOFFMANNIANOS A MARCOVALDO	
<i>Ricardo Luis Silva</i>	

CAPÍTULO 9	111
PAISAGEM URBANA E ANÁLISE MORFOLÓGICA DE ANÁPOLIS A PARTIR DE TRÊS PARQUES PÚBLICOS	
<i>Wilton de Araujo Medeiros</i> <i>Jean Carlos Vieira Santos</i>	
CAPÍTULO 10	128
A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA CIDADE FRENTE AOS GRANDES PROJETOS URBANOS: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE REESTRUTURAÇÃO DAS ÁREAS PORTUÁRIAS DE AUCKLAND E PORTO ALEGRE	
<i>César Wagner</i> <i>Lúcia Camargos Melchior</i>	
CAPÍTULO 11	144
RIO PARAIBUNA: PAISAGEM, ESPAÇOS LIVRES E FERRAMENTAS DE ANÁLISE DO TERRITÓRIO	
<i>Lívea Rocha Pereira Penna</i> <i>Antonio Ferreira Colchete Filho</i>	
CAPÍTULO 12	156
PAISAGEM CULTURAL FERROVIÁRIA, PATRIMÔNIO INDUSTRIAL E ÓRGÃOS DE PRESERVAÇÃO	
<i>Luciana Massami Inoue</i>	
CAPÍTULO 13	173
CIDADE E ESPORTE: PAISAGEM E ESPAÇO PÚBLICO EM CENA	
<i>Karlíane Massari Fonseca</i> <i>Marcelo Ribeiro Tavares</i> <i>Lucia Maria Sá Antunes Costa</i> <i>Antonio Colchete Filho</i>	
CAPÍTULO 14	182
A REPRESENTAÇÃO DAS FAVELAS NO MAPEAMENTO E INFORMAÇÃO DO TURISMO NO RIO DE JANEIRO	
<i>Núbia França de Oliveira Nemezio</i> <i>Fernanda Gomes de Oliveira</i>	
CAPÍTULO 15	197
A MEDIDA DE CENTRALIDADE POR PROXIMIDADE E SUAS RELAÇÕES COM A FORMA URBANA	
<i>Daniel Trindade Paim</i> <i>Ana Paula Neto de Faria</i>	
CAPÍTULO 16	213
AVALIAÇÃO “PORÇÃO NOROESTE” EM RELAÇÃO A OCUPAÇÃO DOS ESPAÇOS URBANOS NO MUNICÍPIO DE SENADOR CANEDO EM GOIÁS: ESTUDO DE CASO	
<i>Antônio Henrique Capuzzo Martins</i> <i>Beatriz Ribeiro Soares</i> <i>João Dib Filho</i>	

CAPÍTULO 17	223
VAZIOS URBANOS E SEUS NOVOS USOS: REFLEXÕES PARA A FORMA URBANA DE FORTALEZA (CE)	
<i>Emanuel Ramos Cavalcanti</i>	
CAPÍTULO 18	241
URBANISMO SUSTENTÁVEL: HÁ UM CAMINHO BRASILEIRO?	
<i>José Almir Farias Filho</i>	
<i>Denise Barcellos Pinheiro Machado</i>	
SOBRE A ORGANIZADORA	253

RIO PARAIBUNA: PAISAGEM, ESPAÇOS LIVRES E FERRAMENTAS DE ANÁLISE DO TERRITÓRIO

Lívea Rocha Pereira Penna

Mestranda do Programa de Pós Graduação em Ambiente Construído – Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas gerais.

Antonio Ferreira Colchete Filho

Professor doutor do Programa de Pós Graduação em Ambiente Construído – Universidade Federal de Juiz de Fora – Minas gerais.

RESUMO: Este trabalho busca analisar a formação da atual paisagem fluvial do rio Paraibuna, no trecho urbano de Juiz de Fora/ MG. O objetivo é analisar o território, através da cartografia e dos mapas vivenciais, de forma a compreender sua formação e características quantitativas e, principalmente, qualitativas e sutis, a fim de gerar uma avaliação das potencialidades e oportunidades projetuais nos espaços livres/verdes conformadores da paisagem fluvial voltada para as pessoas. Para isso foi necessário lançar mão de ferramentas que nos permitissem analisar e trabalhar em grande escala; foram produzidas cartografias alternativas temáticas, fotografias, entrevistas e realizadas visitas in loco. A produção cartográfica apresentada foi elaborada com o auxílio do software ArcGIS 10.3, por dados disponibilizados pela equipe de Planejamento Urbano da Prefeitura de Juiz de Fora, somada a observações e vivências no próprio local, tanto

dos autores quanto dos usuários do espaço.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem fluvial; Espaços livres; Cartografia.

ABSTRACT: This paper aims to analyze the current formation of Paraibuna river landscape in the urban stretch of Juiz de Fora / MG. The objective is to analyze the territory, through cartography and living maps, in order to understand its formation and quantitative and, mainly, qualitative and subtle characteristics, in order to generate an evaluation of the potentialities and design opportunities in the free / green spaces that form the river landscape facing people. To do this, it was necessary to use tools that allowed us to analyze and work on a large scale; alternative thematic cartographies, photographs, interviews and on-site visits were produced. The cartographic production presented was elaborated with the help of *global information system (GIS)* software, by data provided by the City Planning team of the City of Juiz de Fora, together with observations and experiences on the site, both of authors and users of the space.

KEY WORDS: River landscape; Free spaces; Cartography.

1 | INTRODUÇÃO

O rio Paraibuna, assim como outros rios

urbanos das cidades brasileiras, apresenta-se ou já se apresentou como linhas de força do território, que geralmente tiveram sua área de várzea vinculada ao início de ocupação e formação dos municípios. Nestes casos, o processo de formação do território e de transformação da paisagem fluvial está, por muitas vezes, ligado aos processos hidrológicos, às cheias, enchentes e inundações, somados à busca de adaptação da sociedade a essas variações inerentes aos cursos hídricos. Buscando retomar o rio Paraibuna enquanto espaço livre e eixo estruturador do território, lançamos mão de análises que evidenciam as problemáticas envolvendo o rio e seu entorno, e que nos permite reestruturá-lo através da formação de um sistema de espaços livres voltado para as pessoas e para a preservação dos seus elementos naturais, baseadas nas metodologias adotadas por Papillaut, Chapel e Pere, (2012) e Tardin, (2008), que se compuseram como ferramentas complementares no processo de análise do objeto de estudo. Os demais espaços livres que formam este sistema são representados por espaços verdes de variadas dimensões, podendo ser pequenos jardins, matas, parques, zonas agrícolas. Estes espaços são fundamentais para a construção da permeabilidade urbana, que é, por si, fundamental para a construção de uma acessibilidade geral - em que, por sua vez, há uma importância crucial na formação de uma infraestrutura verde-azul para a cidade. A partir do reconhecimento da potencialidade das áreas naturais, pode-se contribuir para a construção de uma cidade permeável, consciente ambientalmente e responsável pela manutenção e desenvolvimento de seus recursos.

2 | METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo tem como base os métodos utilizados por Papillaut, et al., (2012), envolvendo as metodologias de análise do território, e Tardin, (2008) como metodologia de análise dos atributos perceptivos da paisagem. Para análise da Paisagem fluvial e formação do território Paraibuna foram produzidas cartografias temáticas ressaltando as características perceptíveis do território, bem como mapas vivenciais, além de fotografias, entrevistas e visitas in loco, somadas a pesquisas sobre sua história.

O uso da cartografia neste estudo veio vinculado a análise do objeto em grande escala. A cartografia convencional nos ajuda a compreender o território em seu aspecto quantitativo a partir de seus dados geográficos e regulamentares e, em alguns casos, é possível compreender até mesmo alguns aspectos qualitativos. Porém, para uma leitura mais clara e profunda da paisagem, utilizamos de uma cartografia que possibilitasse o reconhecimento das características mais sutis do território, fundamentada na vivência do espaço. Foram, ao total, trinta e um mapas produzidos e divididos em sete categorias: Dados geográficos; Dados Regulamentares; Acessos; Atividades; Temporalidades; Saneamento e Análises.

Para este tipo de cartografia, as representações devem estar baseadas necessariamente na vivência, na visão comparada e, a partir desta forma gráfica única, consegue-se compreender aspectos sensíveis do território. (Boudon, Guillaume, e Tabouret, 1976; Navarro, Rodriguez e Fernandez, 20[?]; Tardin, 2008) Com base em dados provenientes de uma cartografia prévia, a cartografia convencional apresentada nos planos diretores, acrescentamos informações vindas da percepção da paisagem e do levantamento destas informações. Para isso, trabalhamos tanto com a escala cartográfica quanto com a escala do pedestre, a partir do uso de fotografias, observações in loco e entrevistas com os usuários dos espaços às suas margens, de forma a identificar as percepções de um maior número de pessoas e suas vivências.

Aliada à produção cartográfica, foi utilizada metodologia de análise dos atributos perceptivos dos espaços livres, também elaborada por Tardin (2008), que nos permitiu identificar, pela perspectiva do usuário do espaço, os elementos singulares conformadores da paisagem fluvial. A partir das visitas, foram observadas características da paisagem, elementos que a compõem, marcos, ritmos e repetições, que destacamos como importantes elementos para a compreensão da paisagem fluvial do rio Paraibuna.

Entre esses elementos, destacamos a seguir alguns aspectos demarcados: representamos a orientação das edificações em relação ao rio, identificamos as edificações que trabalham de alguma forma com serviços voltados para veículos, como concessionárias, borracharias, autopeças, postos de gasolina, pois percebemos a formação de um setor ao longo do rio com atendimento a estes serviços, podendo estar vinculados às avenidas marginais voltadas para os veículos e sua importância enquanto prolongamento da BR-273 na área urbana de Juiz de Fora, conectando o município a outras cidades da região.

Foram representadas da mesma forma a acessibilidade do território - identificamos as travessias que unem as margens quanto ao tipo de acesso, travessias para pedestres, trens, veículos e mistas. Também foram identificadas a existência e a ausência de vias para pedestres ao longo do curso do rio, que costumam ser compartilhadas com as bicicletas e, por vezes, devido à inexistência de calçamento, bicicletas, pedestres e veículos compartilham a pista de rolamento das avenidas marginais.

Utilizando da metodologia de Tardin (2008), identificamos os espaços livres ao longo do rio e os atributos perceptivos da paisagem, como as áreas de emergência visual, os elementos cênicos, os fundos cênicos e os marcos históricos. Em seguida, sobrepusemos essas informações, de forma a integrar os elementos no plano e fazer sobressair bases para as estratégias de projeto. Segundo Vigano (20[?]), é preciso desenhar aquilo que representa a qualidade do espaço, suas linhas de força, estrutura, complexidade e sua permanência para ir mais longe (figura 1).

Desta forma, ao iniciar o trabalho cartográfico, observamos que, ao sobrepor informações, alguns elementos ganham destaque, as linhas de força nos saltam aos olhos, e assim observamos os elementos fundamentais do território. A partir de então

destacamos estas linhas de força da área urbana de Juiz de Fora e sua estrutura viária, representada na figura 1.

A partir desta identificação e observação da ocupação urbana, reconhecemos os vetores de crescimento urbano da cidade; em azul é representado o rio Paraibuna, em laranja a linha férrea, em vermelho as vias marginais e em verde uma das principais vias de Juiz de Fora. Sendo o rio Paraibuna uma importante linha de força do território e nosso objeto de estudo, devemos compreendê-lo em suas diversas formas e entender as peculiaridades das formações de suas paisagens.

Estudamos o rio Paraibuna na área urbana da cidade de Juiz de Fora-MG, em uma extensão longitudinal de 17 km lineares, compreendido entre as duas travessias da linha férrea sob o rio: a primeira ao norte da cidade e a segunda ao sudeste, que consideramos como as correias do território, por formarem uma figura de identidade forte, que o delimita fisicamente. Observamos como a cidade se desenvolveu ao redor do Rio Paraibuna e entre essas duas correias. O rio Paraibuna representa um dos elementos mais antigos desta localidade, e forma uma linha de força na área urbana. O Paraibuna já passou por diversas intervenções neste trecho; além da construção de vias marginais em ambas as margens, houve pontos de retificações, aterragens e alargamento de sua calha, com o intuito de solucionar os problemas das inundações recorrentes em épocas de cheia no século passado.

Nos dias de hoje, segundo o plano diretor de Juiz de Fora, apenas uma área urbanizada desse trecho ainda é inundada devido às cheias do rio Paraibuna, que corresponde à parte do bairro industrial, ao norte da cidade. Juiz de Fora é o maior município no curso deste rio, e também o que mais o polui. Segundo a CEIVAP (Comitê de Integração da Bacia Hidrográfica do rio Paraíba do Sul), a jusante do núcleo urbano de Juiz de Fora encontram-se elevados índices de coliformes fecais e elevada carga de DBO (demanda bioquímica de oxigênio), devido ao esgoto doméstico e os despejos industriais lançados em seu leito, o que contribui para o afastamento da população com o rio.

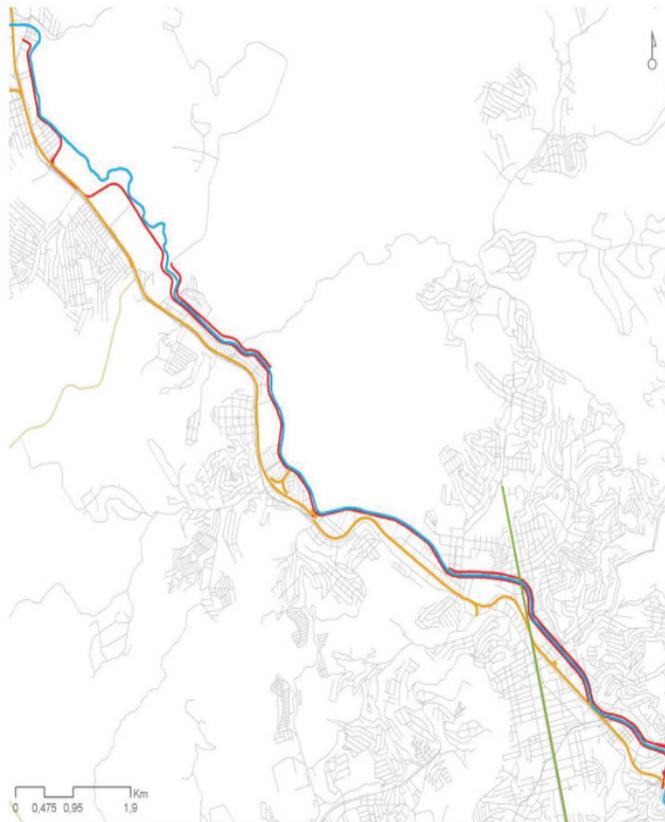


Figura 1: Linhas de força do território.

Fonte: Elaborador pelos autores.

Ao analisarmos uma paisagem fluvial, devemos considerar seus espaços transitórios e suas paisagens efêmeras, pois o rio, enquanto elemento plástico, apresenta variações constantes dos seus cursos d'água. Por isto, é preciso que consideremos seus movimentos de cheias, seu leito maior, leito menor e suas zonas inundáveis (Papillaut et al., 2012). Para melhor compreender seus espaços transitórios e zonas inundáveis, representamos sua planície fluvial (em azul) que, aliada às curvas de nível (em rosa), demonstra-nos as áreas de várzea e nos faz compreender parte da história do município e como se deu o ordenamento da ocupação urbana (em roxo) em seu território, como podemos observar na figura 2.

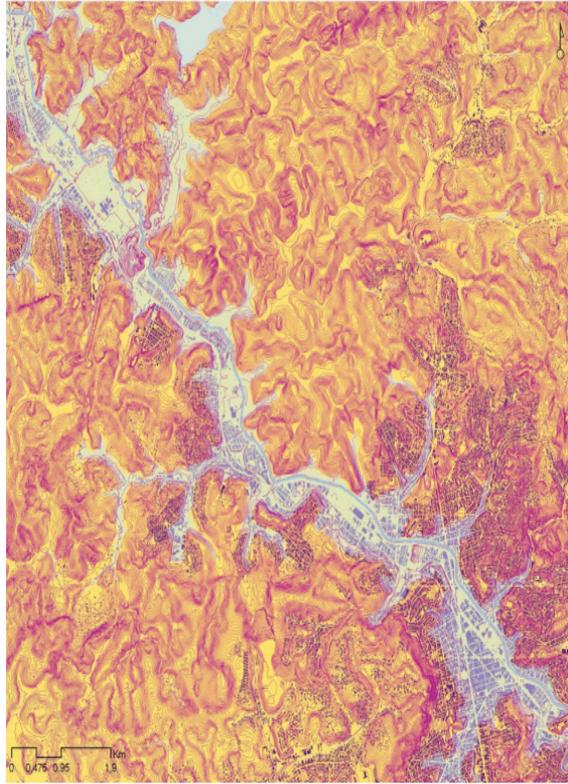


Figura 2: planície fluvial e topografia.

Fonte: Elaborado pelos autores com a base de dados disponível pela Prefeitura de Juiz de Fora.

Além disso, em um passo seguinte destacamos os espaços livres e as possibilidades de criação de um sistema de conexões entre estes espaços ao longo do eixo do rio Paraibuna, como se pode visualizar em vermelho na figura 3. Esse sistema ou conexões entre os espaços livres permite a integração com os tecidos urbanos e promove a criação de uma cidade permeável, acessível e ‘porosa’, como definem Secchi e Viganò (20[??]). Para melhor compreendermos o conceito de espaços livres e sistemas de espaços livres, Tardin (2008, p. 63) os define como elementos que apresentam grande qualidade visual e ecológica, são frágeis dentro do processo de ocupação urbana, como a ameaça da expansão urbana e os graves problemas ambientais, que abarcam desde a contaminação das águas até a erosão das encostas e a perda da cobertura vegetal.

Tanto o rio Paraibuna quanto as áreas de cobertura vegetal encontradas ao longo de seu curso formam espaços livres no território. Ainda segundo Tardin, os rios por si só apresentam-se como um sistema de espaços livres de valores próprios que possuem potencial de “(re)estruturar” o território urbano e ordenar sua ocupação. Ao tratarmos dos rios como espaços livres, devemos considerar outros elementos que compõem sua hidrografia, seus aquíferos, córregos, lagoas, seu subsolo, dado que “os fenômenos que ocorrem no subsolo afloram à superfície” e outros (Tardin, 2008, p.47).

2.1 Os grampos

Trabalhar com a cartografia em grande escala nos permite compreender muitos aspectos do território; porém, para uma leitura mais ampla e detalhada, fez-se também necessário sair da grande escala e fragmentar o território, de forma a tornar legível o que não se consegue ler em grande escala. Chamaremos estes fragmentos de grampos do território.

Podemos identificá-los na figura 3, representados por cinco traços coloridos que conectam as margens do rio. Segundo a metodologia adotada por Papillaut et al. (2012), os “grampos” surgem através de constatações após investigação in loco e, a partir de então, são identificadas diferentes características, similaridades ou peculiaridades dos trechos, que determinam os “grampos” do território, que conectam as margens do rio, e ressaltam as características locais de cada um deles, ressoando, assim, as características do território enquanto unidade.

Os grampos podem até ser inicialmente pensados a partir de uma observação cartográfica, mas eles se confirmam ou não somente depois de visitas in loco e de bastante observação ao longo do eixo. Após a identificação dos grampos, foram realizadas entrevistas com usuários do espaço em cada grampo, no intuito de descobrir quais são as percepções espaciais daqueles que os frequentam cotidianamente, além da identificação dos marcos das paisagens e levantamento fotográfico, buscando-se compreender as condições urbanas locais.

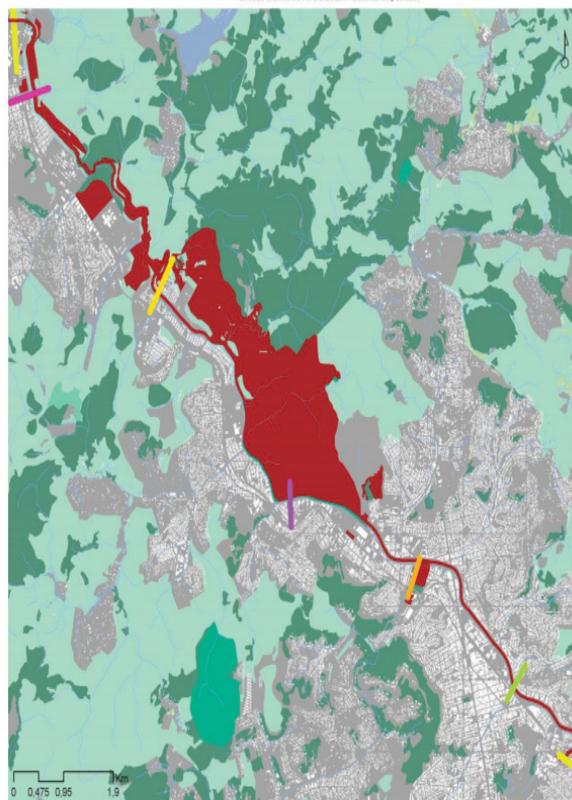


Figura 3: indicação de espaços livres ao longo do rio Paraibuna. Demarcação de grampos e correias.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Perceber a paisagem fluvial através de entrevistas é compreender parte da dinâmica e da complexidade do território. Assim, como definido por Berque (1994), podemos compreender que não existe somente uma imagem, ou uma concepção da paisagem, pois existem várias percepções que se complementam e se sobrepõem. É a partir deste conjunto de percepções que surgem as análises a seguir.

2.1.1 Grampo 2 - O conflito

Para exemplificar o estudo desenvolvido ao longo do rio, nos deteremos à análise de apenas 1 dos cinco grampos identificados ao longo do Rio Paraibuna. Trataremos neste artigo do grampo 2, o grampo conflito. Ao percorrermos os 17 km da área de estudo, este trecho se destacou por suas características singulares e por estar bastante relacionado ao rio, seja de maneira positiva ou negativa, mas podemos arriscar a dizer que talvez seja o grampo com maior relação atualmente com o rio Paraibuna na área urbana de Juiz de Fora. Este grampo é a conexão de dois bairros de baixa renda, cada um em uma margem do Paraibuna, e é marcado por uma relação de conflito estampada nos jornais e confirmada pelas entrevistas realizadas neste trecho.

Na figura 4, foram aglutinadas diversas informações sobre o grampo 2, identificado neste estudo por “o conflito”. Mesmo sem uma legenda, é possível compreender do que se tratam alguns elementos e, mesmo sem compreender todos, conseguimos perceber a repetição de alguns pontos e cores, o ritmo dos traços coloridos, uma mancha vermelha que se conecta. Esses elementos sobrepostos muito nos dizem sobre o território analisado.

Inicialmente foram demarcadas suas linhas de força, o rio e a linha férrea; em seguida, as vias e as habitações, os dados geográficos, os córregos e as curvas de nível, formando os elementos fundamentais da paisagem; em seguida, foram somados dados quantitativos, quantos e onde estão os pontos de ônibus, quantas e quais são as praças, os campinhos e quadras. Até aí temos um levantamento cartográfico usual, com informações básicas da nossa área de estudo; porém, não é somente disso que a metodologia se trata.

É preciso sentir o espaço, vivê-lo, fazer percursos, observar, conversar com pessoas e acrescentar aos mapas nossas vivências. Na margem esquerda temos o bairro Parque das Torres = o nome se refere às diversas torres de alta tensão encontradas nesta área, e que caracterizam a paisagem neste trecho. Essa margem é marcada por ser uma área de invasão: foi formada uma sequência de pequenos barracos à beira-rio, sem infraestrutura e saneamento, que despejam seus dejetos diretamente no leito do rio. É possível sentir o cheiro dessa atividade nessa área, e percebemos, de acordo com os relatos dos entrevistados, que o cheiro deste lugar é um dos marcos desta paisagem, assim como as várias torres que a cercam e a linearidade dos pequenos barracos instalados à margem do rio.

Devido a estas construções à margem do rio, observa-se uma longa faixa

de habitações com os fundos voltados para o rio, o que também caracteriza esta paisagem. Na margem direita temos o bairro Jóquei Clube III, localizado entre duas linhas de força do território, a linha férrea e o eixo do Paraibuna, dois eixos com grande potencial de reestruturação do território e da paisagem urbana. Nesse bairro encontra-se uma praça de frente para o rio Paraibuna, que estabelece um elo com o bairro PTD, conectado através de uma das duas travessias exclusivas para pedestres encontradas ao longo da área estudada. Já as fachadas das edificações próximas ao rio Paraibuna, nessa margem, se revezam entre as que dão fundos ao rio e as que são de frente para ele.



Figura 4: Identificação grupo 2 - o conflito e suas áreas de emergência visual.

Fonte: Elaborado pelos autores.

Poderíamos chamar esse grampo também por descaso. Uma série de elementos singulares deste trecho nos remete a essa palavra. Seja por apresentar uma área de invasão há muitos anos e que permanece em área non aedificandi, pela falta de saneamento neste trecho, pelo lixo encontrado em suas margens e ruas, pela calçada de pedestres que segue ao longo do rio à margem direita e que termina pouco antes de chegar a este trecho. Uma área marcada pela violência, pelo tráfico de drogas e por homicídios, são os elementos que também compõem este trecho e constroem esta paisagem.

Outra representação sutil da paisagem por meio da cartografia foi através da identificação dos atributos perceptivos da paisagem. A partir da travessia de pedestres

que conecta fisicamente as duas margens do rio neste grampo, observamos três áreas de emergência visual, sinalizadas pelas setas pretas na figura 4, compreendidas no próprio rio Paraibuna e suas margens e no relevo coberto por mata à esquerda do rio. Ambos são espaços livres que compõem a paisagem fluvial do Paraibuna.

3 | ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O auxílio de um software GIS na apreensão de informações sobre o território e a paisagem nos propicia conhecer, por muitas vezes, coisas que não são percebidas na escala do pedestre ou por fotografias, e que nos dá informações que vão além do nosso campo de visão. Em contrapartida, nossa vivência e percepção da paisagem nos traz outro tipo de informações, mais sutis, e que, unindo as duas fontes, temos informações complementares, conseguimos compreender melhor as condições urbanas locais e, conseqüentemente, enxergar potencialidades e oportunidades projetuais. Foi através das análises cartográficas e dos processos inerentes à sua produção, com base na metodologia adotada, que chegamos a resultados como a identificação dos espaços livres às margens do Paraibuna como áreas potenciais para a formação de um sistema de espaços livres.

Reconhecemos os marcos das paisagens em cada grampo analisado, identificamos os acessos existentes e as áreas de emergência visual que, segundo Tardin (2008), são os elementos singulares que compõem os espaços livres, especificamente o relevo e a hidrografia, e que podem ser percebidos a partir das vias. Vimos a importância da utilização de um software GIS como meio de conhecer de forma mais profunda a área estudada a partir de sobreposição de informações, e que muitas vezes nos encaminharam para diversas observações e caminhos. Sem seguir convenções de cores e formas, pudemos representar o território de forma mais livre, independente de sua natureza.

Representamos como espaços livres, o que nos demonstrou exatamente o que buscávamos atingir: uma forma, uma imagem que demonstre as oportunidades para formar um sistema integrado. A análise do território fragmentada, através da identificação dos grampos, permitiu-nos reconhecer de forma aproximada as peculiaridades e relações estabelecidas em cinco trechos do rio Paraibuna e que, somadas, representam as características da área total estudada, e nos apresentam os atributos da paisagem fluvial do Paraibuna, suas potencialidades e oportunidades projetuais.

4 | CONCLUSÕES

Foi verificada a importância do Paraibuna e de sua paisagem enquanto conformadores da gênese da ocupação urbana e eixo potencial de estruturação do

território. Conclui-se que as grandes mudanças na paisagem fluvial surgiram como forma de resposta aos processos hidrológicos naturais aos rios, transformando um território a princípio próximo ao Paraibuna em uma cidade avessa a ele, ordenado por um urbanismo rodoviarista e desconectado da natureza. Conclui-se igualmente que, apesar de conectadas e formadas por um mesmo elemento, o rio Paraibuna, as paisagens formadas ao longo de seu curso apresentam conformações e usos bastante variados.

A heterogeneidade da paisagem fluvial do Paraibuna é confirmada através das análises dos cinco grampos identificados, que refletem a essência da paisagem fluvial de Juiz de Fora. Foram identificados como grampos do território: o verde vivenciado, o conflito em alta tensão, o âmago em movimento, hostilidade submersa e o saber oculto. Percebe-se da mesma forma que a relação entre população e o rio se estabelece de forma diversa em cada grampo constatado. Esta análise só foi possível a partir da base de produção cartográfica alternativa, baseada na vivência dos usuários e na percepção do espaço.

Observa-se igualmente a potencialidade do eixo através de sua paisagem fluvial, que possui uma função contemplativa e estética, mas também é um importante vetor para o desenvolvimento local pois, enquanto elemento natural, valoriza o território, a percepção do espaço e a identidade local. Desta forma, constata-se que se deve estimular o eixo Paraibuna como vetor de desenvolvimento de Juiz de Fora, ao fomentar uma alta qualidade visual e promover maior atratividade para suas margens, pois estas exercerão forte influência nas atividades praticadas às suas margens e em seu entorno sobre o tipo de ocupação urbana e influência na orientação das edificações, resultado, assim, em trechos mais seguros e atraentes para a cidade, integrando e respeitando as características e elementos singulares de cada trecho.

5 | AUTORIZAÇÃO / RECONHECIMENTO

Este artigo foi publicado originalmente nos anais do XIII Encontro Nacional de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil – Salvador, agosto de 2016.

Os autores são responsáveis por todo conteúdo do trabalho e agradecem o apoio da Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF.

REFERÊNCIAS

Berque, A. **Cinq propositions pour une théorie du paysage**. 1994 Editions Champ vallon Collection: Pays-paysages. França.

Boudon, P., Guillerme, J., Tabouret, R. **Figuration Graphique en Architecture**. 1976 A.R.E.A. França.

Navarro, J., Rodriguez, B., Fernandez, M. **Cartografías interesantes**: investigación en la producción del imaginario del territorio. Artigo, Universidade de Granada, Granada/Espanha.

Papillault, R., Chapel, E., Pere, A. **Toulouse Territoires Garonne**: Habiter en bord du fleuve. Toulouse, Collection Architectures Presses Universitaires du Mirail, 2012.

Secchi, B., Vigano, P. **Le diagnostic prospectif de l'agglomération parisienne: Consultation internationale de recherche et développement sur le grand pari de l'agglomération parisienne**. La ville « poreuse »: chantier 2. Disponível em: < <http://www.ateliergrandparis.fr/aigp/conseil/studio/STUDIOIc02.pdf>>, acesso em 20 dez. 2015.

Tardin, R. **Espaços livres**: sistema e projeto territorial. Rio de Janeiro: 7 letras, 2008.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-85107-60-4

